

A banalização da violência:

efeitos sobre o psiquismo

Maria Laurinda Ribeiro de Souza

Aceitar que a violência possa ser naturalizada é uma tentativa de diluir o terror que ela provoca, de se submeter aos seus efeitos, e de não se implicar com as possibilidades, mesmo pequenas, de sua transformação.

Cenas do cotidiano

Tomemos algumas chamadas de um dos jornais de domingo (30 de abril de 2000): *“Violência no trânsito”, “Bolsa contra o trabalho de crianças sofre corte”, “Mortalidade infantil cresce em áreas pobres”, “Hoje é o 25º aniversário do fim da Guerra do Vietnã”, “Para o social há pouco dinheiro mas para a corrupção há muito”, “Se este povo entrar na fazenda errada, vai ter confronto”, “Certamente correrá sangue”, “As duas faces de Elián”, “Riocentro deve terminar sem culpados”, “Chacina de estudantes”, “Em São Paulo, um carro some a cada 5 minutos”, “Impunidade é estímulo para o crime”, “Acidentes no trânsito mataram quase 100 mil em 99”, “A barbárie se manifesta de várias formas”*.¹ Esta forma utilizada pelos meios de co-

municação para apresentar as notícias, é também uma manifestação dessa barbárie - uma série de informações, de imagens, tudo muito acelerado, repetido e contíguo, em que o pensamento, a capacidade de apreensão e de reflexão sobre os acontecimentos ficam impossibilitados. No mundo do consumo há que consumir. Mesmo que o produto oferecido seja a violência. Instalação contínua de um apelo ao esvaziamento do lugar de sujeito que possa se implicar com a realidade em que vive.

No meio dessas notícias uma me causou um terror especial. Vale a pena destacá-la e pensar sobre ela.

Maria Laurinda Ribeiro de Souza é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, e professora do Curso de Psicanálise do mesmo Instituto.

"J. P. foi assaltada duas vezes na mesma semana. Ela conta: 'Fazia só uma semana que eu havia sido roubada. Por isso eu não tinha nada, estava só com o boletim de ocorrência do assalto anterior dentro da bolsa. Só que eles não me deixavam explicar.' Quando viram o boletim, os bandidos ameaçaram matá-la. 'Escapei, apontando outra vítima para eles.'"²

Que a violência aterrorize e que diante de uma cena assim todos pareçam dizer: "já que não é comigo não vou me meter", que a solidariedade desapareça por um risco de se expor a própria vida, a isso já nos acostumamos! Mas, que seja necessário, para nos salvarmos, delatar outra vítima é extremamente inquietante.

A esse respeito lembro uma citação de Hannah Arendt (ela se remete a um outro contexto mas talvez tenha a função de alerta para nós): "Observa-se freqüentemente que a eficiência do terror depende quase que completamente do grau de atomização social. Toda forma de oposição organizada deve desaparecer antes que a força total do terror possa enfraquecer. Esta atomização – uma palavra excessivamente pálida e acadêmica para o horror que encerra – é sustentada e intensificada através da ubiquidade do informante, o qual pode literalmente estar onipresente pois não se trata mais de apenas um agente profissional a soldo da polícia, mas potencialmente de qualquer pessoa com quem se entre em contato."³

Outra forma de se olhar para a questão da violência é identificar, no nosso cotidiano mais próximo, como ela se manifesta nos pequenos gestos. Por serem tão do dia-a-dia e por parecerem tão insignificantes frente à magnitude das manchetes, não se dá tanta atenção. Penso, por exemplo, nas discriminações, exclusões e desrespeitos mais comezinhos – transformar as empregadas em escravas disfarçadas deixando, por exemplo, as rou-

pas jogadas, os jornais espalhados, para que elas os guardem. Filhos que reagem aos pedidos paternos com muito pouco caso ou como se fossem absurdos. Violência do casal que não suporta as mínimas diferenças e não consegue negociar ou ao menos escutar as divergências. Violência com os filhos que são deixados ao relento das ruas ou, em situações econômicas mais favoráveis, aos acasos da televisão moderna – os jogos eletrônicos e compu-

tudo dizer – não importando as conseqüências que isso tenha. O lugar para os afetos, as amizades, o respeito mútuo, a confiança, está cada vez mais restrito.

Saindo de casa: violência no descuido com as calçadas; inexistência de rampas, de guias rebaixadas, de respeito mínimo às normas de convivência, cidadania, zoneamento urbano, empregos informais sem direitos trabalhistas, sem previsões de acidentes e de

Uma das formas de olhar a questão da violência é identificar como se manifesta nos pequenos gestos ou fatos do cotidiano mais próximo.

tadores. Descuido com o que faz parte do coletivo na casa: como são divididas as tarefas domésticas? Quem se responsabiliza, por exemplo, por jogar fora o saquinho de plástico que envolve o jornal diário e que, rotineiramente é espalhado em qualquer lugar? Quem faz as compras?

Às vezes a violência se manifesta pelo silêncio. Silêncio, que, utilizado inicialmente como recurso temporário de evitação ao confronto, logo se transforma em arreo que emudece e imobiliza o corpo. Outras vezes, ao contrário, a violência está na impossibilidade de silenciar, de abdicar da ânsia de

amparo à velhice... Também aqui a lista seria imensa.

Diante de um assalto na rua onde moro, meu vizinho comentou que não deixaria mais seu carro na rua. Também restringiria sua passagem por determinados lugares da cidade. Em suma, se trancafiaria mais em sua própria casa, colocaria trancas e grades, diminuiria o contato com o mundo, se possível eliminaria os que o ameaçassem. Certamente, se tornaria um pouco mais paranóico com relação a qualquer tentativa de aproximação.

Elias Canetti, em *Massa e Poder*, faz uma enunciação que me pareceu bastante precisa para a aná-

lise desses fatos: “Não há nada que o homem tema mais que o contato com o desconhecido. Quer ver o que vai tocá-lo, quer poder reconhecê-lo ou, em todo caso, classificá-lo. O homem sempre se esquia do contato insólito. À noite, e na obscuridade em geral, o assombro de um contato inesperado pode se intensificar em pânico. Mesmo as roupas não são suficientes para garantir a segurança; elas são tão fáceis de serem rasgadas, é tão fácil penetrar até a carne nua, lisa e sem defesas da vítima. Todas as defesas que os homens criaram ao seu redor são ditadas por essa fobia do contato. Ele se tranca em fortalezas onde ninguém pode entrar, e somente nelas se sente um pouco seguro. O medo que sente do ladrão não provém apenas das intenções deste, é também o medo de seu aparecimento súbito e inesperado no escuro. A mão deformada em garra é sempre o símbolo utilizado dessa angústia. *O contato inofensivo se interpreta aqui como ataque perigoso, e é este último sentido que acaba prevalecendo.*”⁴

Tomei exemplos dramáticos e cenas do cotidiano não para equiparar acontecimentos que são de magnitude e tragédia diferentes, mas por acreditar que a indiferenciação e a banalização das cenas de violência faz com que cada vez mais as tomemos por fatos naturais e que, com uma certa apatia, nos curvemos a elas. “Que assim seja. Amém.”

Riscos da banalização

Aceitar que a violência possa ser banalizada e naturalizada é uma tentativa de diluir o seu impacto, seu terror; de se evadir de seus efeitos, de não se implicar com a existência de suas manifestações e com as possibilidades, por pequenas que sejam, de sua transformação. “Esta banalização da violência é, talvez, um dos aliados mais fortes de

sua perpetuação. Resignado à idéia, inculcada pela repetição do jargão de que somos ‘instintivamente violentos’, o homem curva-se ao destino e acaba por admitir a existência da violência, como admite a certeza da morte. A virulência deste hábito mental é tão daninha e potente que, quem quer que se insurja contra este preconceito, arrisca-se a ser estigmatizado de “idealista”, “otimista ingênuo” ou “bobo alegre”.⁵

Certos fatos irrompem como se fossem alucinações e tenta-se neutralizá-los, cindí-los da percepção.

O risco de amordaçamento, de inércia e de cisões cada vez mais intensas é terrivelmente nefasto para a manutenção vital do psiquismo. Lembro-me de uma publicidade feita pela Abring, televisada algum tempo atrás, em que diante de alguém que pedia ajuda no trânsito, os vidros se fechavam, o rosto se desviava, surgiam reações de medo, os carros se aceleravam... Sofrimento por parte de quem pedia e angústia, medo e culpa por parte de quem era abordado. Ouvi de um paciente psicótico, há muito tempo

atrás, o relato de suas alucinações e, ao final, uma pergunta: “Como se pode dormir com um barulho desses?” Eu tenho me perguntado a mesma coisa. A referência à psicose talvez não seja gratuita. Certos fatos não irrompem como se fossem alucinações? Como se não estivessem acontecendo? Não se faz um intenso esforço para neutralizá-los, cindí-los da percepção?

A questão que se coloca, então, para nós psicanalistas é: podemos falar de uma banalização da violência? Que efeitos isso produz no psiquismo humano? Há aspectos da cultura que abrem as portas para essa manifestação? Será que não há uma tendência a individualizar e patologizar algo que é da ordem da cultura como se fosse mais fácil medicar o indivíduo do que transformar o seu ambiente? (Isto até pode ser verdadeiro mas não deixa de ser uma grande violência e um desvio imoral da questão que aqui nos interessa.) É possível criar um corpo de conhecimentos a este respeito?

Freud, em seu artigo, “Pulsões e seus destinos”, nos diz que inicialmente o mundo se apresenta para a criança sem diferenciação mas, logo, ganha matizes diferentes dependendo das qualidades de prazer implicadas nas experiências. Introjeta os objetos que são prazerosos e afasta de si aquilo que se constitui como motivo de desprazer, mesmo aquilo que provém de seu próprio interior. O mundo exterior fica assim dividido em uma parte prazerosa que se incorpora e um resto que é estranho e hostil. O sentido primitivo do ódio é o da relação contra o mundo exterior, alheio ao ego. “Sentimos repulsa ao objeto desprazeroso e o odiamos. Este ódio pode intensificar-se até a tendência à agressão contra o objeto e o propósito de aniquilá-lo.”⁶ E Freud conclui: “O Ego odeia, perturba e persegue com propósitos destrutivos a todos os objetos que chega a supor como fonte de sensações de desprazer, constituindo uma

privação da satisfação sexual ou da satisfação de necessidades de conservação. *Pode-se, inclusive, afirmar que o verdadeiro protótipo da relação de ódio não procede da vida sexual, mas da luta do ego por sua conservação e manutenção.*⁷

Assim, embora nesse momento do pensamento freudiano, não haja nenhuma atribuição específica a uma pulsão destrutiva, a idéia da agressividade e da violência em direção aos objetos do mundo já está sendo teorizada. *Outro aspecto importante que vale a pena ressaltar é o de que a verdadeira oposição ao amor não é o ódio mas a indiferença. Isto pode nos ajudar a pensar no sentido e nos efeitos da exclusão indiferente que atinge grande parte de nossa sociedade e, também, nos custos da nossa própria indiferença às cenas de violência.* Indiferença e exclusão alimentam-se mutuamente, mantendo a impossibilidade de laços sociais e a dificuldade de construção de um outro discurso.

Em “Considerações da atualidade sobre a guerra e a morte”, Freud reafirma a idéia de que as guerras podem ser uma possibilidade “enquanto os povos viverem em diferentes condições de existência, o valor individual de cada vida for tão diferente e o ódio resultante dessas condições desfavoráveis continue tão poderoso”⁸. Ou seja, nessas condições, vale a pena reafirmar o valor das pulsões de auto-conservação e da importância do reconhecimento que a cultura pode ou não oferecer para uma grande parte de seus cidadãos (podemos chamá-los assim?). Porém, ele não supunha que as guerras pudessem ocorrer em nações desenvolvidas. Destas se esperava que pudessem resolver suas diferenças e seus conflitos de interesse de uma outra forma. Ou seja, quando as condições de existência fossem mais favoráveis, não se esperava que a idéia de estrangeiro - estranho, fosse equiparada imediatamente à idéia de inimigo e o ódio se transformasse em ações

de violência. Em suma, supunha-se que não se reproduziriam nas interações humanas posteriores, aquilo que é da ordem da constituição inaugural dos sujeitos, conforme fora assinalado no texto acerca das pulsões e seus destinos.

Sua teorização sobre o Narcisismo é da mesma época. Ela nos

dá ao medo, do amor ao ódio, o rosto do estrangeiro nos força a manifestar a maneira secreta que temos de encarar o mundo, de nos desfigurarmos todos, até nas comunidades mais familiares, mais fechadas.”¹⁰

Em 1919, Freud já descrevera no texto “O sinistro”, a situação do

Indiferença e exclusão alimentam-se mutuamente, mantendo a impossibilidade de laços sociais e dificuldades de construção de um outro discurso.

revela a necessidade de que condições mínimas de investimento libidinal sejam feitas sobre o corpo da criança para que ela crie um projeto de vida possível e se reconheça como parte da cultura. Mas, marca também o risco (que todos continuamos mantendo pela vida a fora) de que os sujeitos se encuralem no sofrimento atroz daquilo que Freud, mais tarde, enunciou como sendo o “narcisismo das pequenas diferenças”⁹ – qualquer sinal de diferença, de risco de não satisfação, de não reconhecimento pode nos reconduzir à experiência do desamparo primordial e aos becos sombrios e tenebrosos da violência contra o outro que nos ameaça.

O de fora, é o outro, o diferente, o estranho, o virtualmente inimigo, o depositário de nosso ódio. “Da estranheza ao temor, da curiosi-

estranho familiar mostrando-nos que o estranho está mais próximo do que supúnhamos. Habita nosso próprio interior e, freqüentemente, se revela de forma inquietante. A psicanálise propõe o reconhecimento desse estranho em nós mesmos; como efeito de nossa própria constituição – sujeitos divididos numa parte a que nunca temos acesso e originalmente marcados pelos enigmas de um outro sem o qual não sobreviveríamos. Se isto for possível, talvez não haja necessidade do ataque; pela identificação com o outro, se estabeleceriam relações mais solidárias e menos paranóicas.

Avancemos, porém, um pouco mais. Sem desconsiderar o valor do que a psicanálise pode nos trazer em termos de compreensão ou tentativa de compreensão do que na constituição do sujeito se revela

como terrífico e gerador de violência, não há porque infantilizar a cultura ou tomar a violência, uma vez mais, como sendo da ordem natural das coisas. Afinal o que Freud pretendia era que revelando o inferno das almas o homem pudesse ter mais acesso à sua dominação e transformação.

O desamparo – um risco sempre presente

Pressupondo situações mais ou menos favoráveis, pode-se dizer que todos, quando nascem, vivem sensações de desamparo e de angústia. Sabe-se, também, que a sobrevivência do ser humano depende absolutamente da presença e dos cuidados de um outro e, que sua saúde psíquica está intimamente vinculada às trocas amorosas efetuadas no início da vida. Passados esses momentos iniciais de extrema dependência vai, cada vez mais, caminhando para a independência. Esta passagem dos amores do começo da vida para outros amores, não se faz sem sofrimento. E, em verdade, o sujeito só abdica desses lugares porque a cultura lhe oferece algo em troca - um lugar no mundo dos homens. Uma possibilidade de criar projetos de vida, o direito de pertencer a um grupo, de ter condições dignas de sobrevivência, de ter realização no trabalho ou, de poder fazer do trabalho um meio para ganhar dinheiro e realizar outros sonhos. Se esse acordo que é implícito, falhou, ou se torna insuficiente, corre-se o risco da re-instauração da Lei de Talião - olho por olho, dente por dente - ou das apatias, do desafeto, do sofrimento doentio que exacerba aquilo que é próprio da dor de existir.

Nossa cultura tem sido sistematicamente nomeada como Era da Imagem, da Incerteza, Cultura do Espetáculo, Cultura do Narcisismo. Seus efeitos se revelam pela exposição inelutável dos homens ao seu

desamparo e colocam por terra a ilusão do sujeito moderno de que haveria um lugar passível de certezas e garantias. Num mundo que nos demanda sermos assertivos, produtivos, felizes, vitoriosos, que não

po, se não há respostas favoráveis, a esperança desaparece e a situação se cronifica tornando o seu manejo muito mais difícil.¹¹

Suas idéias sobre aquilo que chamou de “a capacidade de se pre-

Num mundo que nos demanda sermos assertivos, produtivos, vitoriosos, que não favorece dispositivos para a elaboração da dor e do sofrimento, o risco da morte e da solidão se faz sempre presente.

favorece dispositivos para elaboração psíquica da dor e do sofrimento, em que o individualismo cada vez se torna mais visível, o risco fantasmagórico da morte e da solidão, faz-se sempre presente.

Winnicott, psicanalista que enfatizou a importância da provisão ambiental satisfatória e se manifestou muitas vezes sobre os efeitos das falhas ambientais, apontava dois riscos possíveis, e não excludentes, para as crianças que sofriam privações precoces. Uma direção era representada pelo roubo e a outra pela destrutividade. Durante um certo tempo estas manifestações podem surgir e representar uma forma de solicitar uma mudança no ambiente. *Elas só acontecem se e enquanto a criança tiver esperança.* Esperança não só de ver suas necessidades atendidas mas, também, de poder contar com o outro, de poder ser amada, de poder construir projetos de vida. Depois de um tem-

ocupar” também podem nos ajudar a entender o tema da violência. Para ele a *preocupação* é um aspecto importante da vida social e indica o fato do indivíduo se importar, ou valorizar, e tanto sentir como aceitar responsabilidades. A capacidade de se preocupar é uma conquista resultante tanto dos cuidados ambientais quanto dos processos internos da criança. Em sua concepção o impulso agressivo-destrutivo pertence a um tipo primitivo de relação objetal em que amar envolve destruição. A experiência simultânea do amor e do ódio torna possível a suportabilidade da ambivalência, com o enriquecimento e refinamento que leva ao surgimento da preocupação. Os seres humanos só podem aceitar os aspectos destrutivos de suas tentativas amorosas precoces se encontrarem, no ambiente, condições favoráveis que possibilitem, também, o reconhecimento e a valorização de suas contribuições. Priva-

dos da possibilidade de trabalho e de desenvolvimento de suas habilidades, ficam a mercê da atuação dessas forças destrutivas.¹²

Freud, no “Futuro de uma ilusão”, também chamava a atenção para aspectos semelhantes dessa questão. De certa forma, ele retoma o que já afirmara no texto sobre a guerra. “É de supor que as classes abandonadas invejarão os privilégios das classes favorecidas e farão todo o possível para libertar-se do aumento especial de privação que pesa sobre elas. Caso não o consi-

co... Não é demais dizer que uma cultura que deixa insatisfeito um núcleo tão considerável de seus participantes e os incita à rebelião não pode durar muito tempo e nem tampouco o merece.”¹³

Nosso intenso culto contemporâneo aos ideais narcísicos agrava ainda mais essas exclusões. Evoluímos, temos mais expectativa de vida (em algumas regiões do país), mas também nos tornamos sucata muito rapidamente. Como preconiza a cultura do narcisismo, os lugares de reconhecimento são para os mais

cesso! Goze! *TUDO aqui e agora ou NADA para sempre.*

Tem-se, então, um vasto campo para o uso de drogas, para os antidepressivos revigorantes, para as promessas religiosas, para os manuais de auto-ajuda, para as ginásticas compulsivas que prometem um bem estar físico e a produção de endorfina, responsável por uma sensação perene de euforia. Busca desenfreada de alguma sensação que nos garanta que não somos inexistentes - mesmo que seja pela afirmação violenta de nossa força sobre o corpo e a vida do outro. Quando nada mais resta que faça sentido, quando os laços sociais se tornam tão fragilizados, o próprio corpo ou o corpo do outro pode, da mesma forma, ser sucateado .

Assim, se neste momento histórico, enfatizamos demais o lugar do outro como o estranho-inimigo, não o fazemos só em função de uma trágica realidade social mas, também, em função de um discurso que marca nossa subjetividade e que privilegia o lugar individual narcísico em detrimento da alteridade. Se o próprio Freud, em vários momentos de sua obra revelou essa possibilidade, também destacou o lugar do outro como auxiliar, como constituinte, como modelo. Ao risco da reclusão autista, dos atos extremamente violentos, da paranóia, dos laços perversos com o outro seria possível opor outras formas de laços sociais? Será que o “outro poder celestial”, o Eros eterno, terá força suficiente para se afirmar e dominar a luta contra Tanatos, seu inimigo igualmente imortal? Será que podemos sonhar com isso? Ou só nos restam pesadelos?

Akira Kurosawa assim nos contou um de seus sonhos¹⁴.

O Túnel

O homem caminha e está para entrar num túnel quando de dentro dele surge um cachorro que o amea-

Enfatizamos o outro como estranho-inimigo não só em função de uma trágica realidade social, mas também de um discurso que privilegia o lugar individual do narcisismo em detrimento da alteridade.

gam surgirá na civilização correspondente um descontentamento duradouro que poderá conduzir a rebeliões perigosas. Mas quando uma civilização não consegue evitar que a satisfação de um certo número de seus participantes tenha como premissa a opressão de outros, talvez da maioria - e assim sucede em todas as civilizações atuais - é compreensível que os oprimidos desenvolvam uma intensa hostilidade contra a civilização que eles mesmos sustentam com o seu trabalho, mas de cujos bens participam muito pou-

ovens, mais brilhantes, mais belos: mais, mais, mais. A pergunta que insidiosamente nos tortura é: “*Diz-me, espelho meu, existe alguém mais do que eu.*” Sua contraface - a intolerância ao menor sinal de desvalia, de exclusão e sofrimento - revela-se nas depressões, nos sofrimentos do corpo, nas cenas crescentes de violência e na busca compulsiva de saídas imediatistas que nos ajudem a suportar melhor esse mal estar ou a conviver com ele. Os imperativos narcísicos são sempre cruéis. Seja feliz! Tenha su-

ça. Amedrontado, percorre o túnel e, ao sair, é surpreendido pela presença de um recruta. “Comandante, fui realmente morto em combate?” “Não acredito que tenha sido morto. Fui para casa. Comi os bolinhos de arroz de minha mãe.” O comandante, surpreso e assustado, explica-lhe que ele fora ferido, tivera

amargura e sofrimento. São chamados de heróis mas morreram como cães.

Na guerra, no combate, não há lugar para sofrimento... Os fantasmas só desaparecem quando o comandante se re-apropria de sua função: “Terceiro Pelotão! Meia volta volver!”. Mas o cão

assaltos, não são nossos parceiros de guerra? Radmila Zygouris num belo texto acerca do estrangeiro¹⁵ nos alerta que o genocídio não ocorre entre os animais; ele é específico dos humanos, pois só é cometido quando apoiado num discurso.

Oxalá o nosso deixe de banalizar a violência! ■

A morte de crianças e jovens, além da dor que lhe é inerente, é inaceitável: é toda a possibilidade de esperança e de futuro que fica ameaçada.

um sonho – com a casa dos pais, mas depois morrera em seus braços. O recruta aponta para a casa dos pais dizendo que eles o esperam. “Eu acredito mas, meus pais não acreditam que morri. Continuam esperando por mim.” O Comandante se compadece mas sabe que só sob suas ordens ele pode se retirar. Ordena-lhe, então, que volte para o lugar de onde viera.

Vai seguir seu caminho quando surgem novos passos atrás de-le. É todo o terceiro batalhão que se apresenta. “Terceiro batalhão retornando sem baixas.” Todos vocês foram mortos em combate. Mandei-os para a morte. Eu poderia responsabilizar a estupidez da guerra. Mas não posso desculpar a minha negligência e incompetência... Sinto sua

raivoso (que era como ele havia descrito a morte de seu pelotão) continua a atormentá-lo.

Questão crucial apontada por Kurosawa: como pode um soldado, um comandante, sobreviver à morte de seus parceiros já que os fantasmas dos que morreram dificilmente o deixarão sossegar? Como pode um filho morrer se seus pais ainda estão vivos e o esperam? A morte das crianças e dos jovens traz, além da dor que lhe é inerente, algo mais, também inaceitável: os filhos não morrem antes dos pais! É toda a possibilidade de esperança e de futuro que fica ameaçada.

Como sobrevivemos nós a um cotidiano tão ameaçador para a vida? Que custo isso nos traz? Estes que morrem nas ruas, nas chacinas, nos

NOTAS

1. Folha de São Paulo de 30.04.2000. As chamadas encontram-se distribuídas nos diferentes cadernos.
2. Folha de São Paulo, de 30.04.2000. Veículos especial, p. 13.
3. Citação encontrada in Jurandir. F. Costa, *Violência e Psicanálise*, Rio de Janeiro, Graal, 1984, p. 50-51.
4. Citação inicial feita por F.. Landa, in *Ensaio sobre a criação teórica em psicanálise*, São Paulo, FAPESP, UNESP, 1999. Os grifos são meus.
5. J. F. Costa, *op. cit.* p. 34.
6. S. Freud, “Pulsiones y destinos de pulsión”, in *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, v. XIV, 1993, p.131.
7. S. Freud, *op. cit.* p. 132. Os grifos são meus.
8. S. Freud, “De guerra y muerte. Temas de actualidad”, Amorrortu, vol. XIV, *op. cit.*, p. 278.
9. S. Freud, “El malestar en la cultura”, Amorrortu, vol. XXI *op. cit.*, p. 111.
10. J. Kristeva, *Estrangeiros para nós mesmos*, Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 11.
11. Para uma análise mais desenvolvida, ccf. consultar D. W. Winnicott, *Privacão e Delinquência*, São Paulo, Martins Fontes, 1987.
12. D. W. Winnicott, “O desenvolvimento da capacidade de se preocupar”, in *O ambiente e os processos de maturação*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1990
13. S. Freud, “El porvenir de uma ilusión”, Amorrortu, v. XXI, *op. cit.* p. 12.
14. Este sonho é o quarto episódio de seu filme “Sonhos”.
15. R. Zygouris, in *O Estrangeiro*, São Paulo, Escuta, 1998.